

“ABENÇOADO PELO ALGORITMO”: CONCEPÇÕES TEÍSTAS SOBRE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL EM DISCURSOS DIGITAIS^{12*}

*Beth Singler*³

Resumo: "Meu primeiro voo de longa distância que não lotou e uma fileira de assentos vazia só para mim! Fui abençoado pelo algoritmo!". A frase "abençoado pelo algoritmo" expressa a sensação de sorte com o teor de seu *feed* em várias plataformas de mídia social, ou com a viralização daquele conteúdo que você criou, ou com aquela oportunidade incrível de renda extra (ou *gig economy*, no inglês) que surgiu. No entanto, também podemos situá-la no discurso público mais amplo, empregando concepções teístas de IA (inteligência artificial). Com base em nosso trabalho de campo antropológico sobre os "entrecruzamentos entre IA e religião" (Singler, 2017a), este artigo explorará como as postagens "abençoados pelo algoritmo" são indicativas do impacto de narrativas teístas sobre IA: percepções implicitamente religiosas sobre a IA. Esse raciocínio também representa um passo atrás para uma posição que se opõe à tese de secularização e a outras grandes narrativas de desencantamento que reivindicam que a laicidade ocorre como resultado do progresso tecnológico e intelectual. Este artigo também explorará novos

¹ Traduzido para a língua portuguesa por Nathália Javier Lucena e Fabíola Souza Corrêa, sob a orientação e a revisão de tradução da Prof.^a Dr.^a Elizamari R. Becker, professora associada junto do Departamento de Línguas Modernas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A quem agradecemos imensamente.

² Este artigo foi originalmente publicado em língua inglesa no *Journal AI & Society: Knowledge, Culture and Communication*, 2020. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s00146-020-00968-2>.

³ Doutora em Antropologia Social. Pesquisadora Júnior sobre Inteligência Artificial pela Homerton College da Universidade de Cambridge, Inglaterra. E-mail: beth.singler@uzh.ch. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9471-0924>.

* Como citar: SINGLER, Beth. “Abençoado pelo algoritmo”: concepções teístas sobre inteligência artificial em discursos digitais. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 23, n. 43, p. 13-44, 2023.

movimentos religiosos em que concepções teístas de IA entrecruzam aspirações tecnológicas com religiosas.

Palavras-chave: Inteligência artificial; Religião; Algoritmo; Redes sociais.

"BLESSED BY THE ALGORITHM": THEISTIC CONCEPTIONS OF ARTIFICIAL INTELLIGENCE IN ONLINE DISCOURSE

Abstract: "My first long haul flight that didn't fill up and an empty row for me. I have been blessed by the algorithm". The phrase "blessed by the algorithm" expresses the feeling of having been fortunate in what appears on your feed on various social media platforms, or in the success or virality of your content as a creator, or in what gig economy jobs you are offered. However, we can also place it within wider public discourse employing theistic conceptions of AI. Building on anthropological fieldwork into the "entanglements of AI and Religion" (Singler, 2017a), this article will explore how "blessed by the algorithm" tweets are indicative of the impact of theistic AI narratives: modes of thinking about AI in an implicitly religious way. This thinking also represents continuities that push back against the secularisation thesis and other grand narratives of disenchantment that claim secularity occurs because of technological and intellectual progress. This article will also explore new religious movements, where theistic conceptions of AI entangle technological aspirations with religious ones.

Keywords: Artificial Intelligence; Religion; Algorithm; Social Media.

INTRODUÇÃO

Tanto os antropólogos como os sociólogos entendem a religião como o desenvolvimento de sua "relação com os sistemas sociais" (Fenn, 2000), incluindo nisso os desenvolvimentos tecnológicos. No entanto, a discussão contemporânea sobre Inteligência Artificial (IA), muitas vezes, pode negligenciar a influência cultural da religião em tais sistemas sociais e pode obstruir continuidades do pensamento com concepções religiosas do mundo. Além disso, tais discussões podem também apresentar a IA como parte de uma narrativa ateísta teleológica de racionalidade, ou como parte de uma modernidade tecnológica mais ampla que impulsiona uma suposta secularização do mundo (Singer, 2022). Esses pontos de vista são semelhantes na medida em que veem o progresso insinuado pela nossa suposta "modernidade", uma categoria intelectual e histórica, como um contraponto aos costumes do crente religioso "ao inverso". Dar atenção antropológica aos "entrecruzamentos" entre IA e religião pode, no entanto, melhorar o entendimento sobre IA e religião em ambos os campos, no de pesquisa sobre IA e no de estudos da religião. O conceito de "entrecruzamentos" é empregado aqui, assim como Courtney Bender o faz em sua etnografia contida em *New Agers and institutions in Cambridge Massachusetts* (2010). Bender afirma que parte "da visão que a espiritualidade, seja ela qual for, e seja como for que se defina, está misturada na vida social, através da história, e em nosso imaginário acadêmico e não acadêmico", e que "formas espirituais surgiram e foram moldadas por meio da intersecção com o secular, incluindo seus poderosos laços com a ciência e o progresso" (2010, p. 5-6). A pesquisa etnográfica *online e offline* anterior propôs um mapeamento inicial de alguns desses entrecruzamentos existentes, bem como o fornecimento de exemplos de formas análogas e da influência mútua entre IA e religião (Singer, 2017a).

As influências teístas na concepção de IA formam outro entrecruzamento – a deificação da IA – quer seja explicitamente intencional ou implicitamente através de paródia ou linguagem metafórica e evocativa. Este artigo apresenta uma análise de *tweets* que mencionam a expressão "abençoado(a)

pelo algoritmo", os chamados *tweets* BBtA (sigla para *Blessed By the Algorithm*, em inglês). Esta análise é realizada para explorar tanto continuidades intencionais quanto não intencionais de linguagem e concepção a partir do entendimento popular da IA como uma divindade. Os locais para essa deificação da IA também incluem Novos Movimentos Religiosos (IA NMRs), como é o caso da Igreja Turing, e até espaços transumanistas firmemente ateus. A ficção científica também apresenta um espaço potencial para que as concepções teístas da IA sejam exploradas, mas o foco deste artigo será o discurso e as comunidades *online* e *offline*.

Existem muitas maneiras de abordar as concepções de IA. Este artigo aplica métodos de pesquisa contemporâneos das áreas da antropologia colaborativa, da antropologia digital e de áreas afins. A metodologia é antropológica em seu estudo das tendências culturais, do discurso popular e das interações em uma sociedade influenciada pelo gosto e pela realidade da IA. Em pesquisas anteriores, também contatei e entrevistei indivíduos dos grupos sobre os quais estou discutindo neste artigo. Esta pesquisa também faz uso de um campo digital, ou virtual, de trabalho de campo; a antropologia digital muitas vezes requer a determinação de um recorte, e a focalização em um "evento de *Internet*" (Hine, 2000, p. 49) permite que criemos um campo virtual para observação e participação. Nesse caso, os *tweets* BBtA são o "evento", e esta pesquisa envolveu a observação do contexto, dos temas, das identidades e motivações em jogo nesse "recorte" limitado, bem como a observação de tendências por meio de métodos quantitativos. Este artigo também se baseia nos seis princípios básicos da antropologia digital delineados por Horst e Miller (2012, p. 3-25) que, resumidamente definidos, defendem o valor e a realidade da existência digital para seus usuários e para a pesquisa antropológica. Uma discussão mais detalhada sobre a antropologia digital e o uso de sua abordagem aparece em minha etnografia das Crianças Índigos (Singler 2017b, p. 19-38).

A consideração deste artigo sobre narrativas teístas de IA, como elas aparecem tanto *online* quanto *offline*, tem como objetivo demonstrar a complexidade do pano de fundo cultural para o pensamento contemporâneo

acerca da IA, bem como indicar métodos, campos e abordagens necessários para a apreciação dos entrecruzamentos existentes entre religião e IA. Este artigo também pretende alimentar a discussão mais ampla sobre IA e religião, uma discussão que também observa as reações de indivíduos com formações religiosas distintas à IA, bem como o potencial para grupos religiosos empregarem tecnologias de IA em seus processos e práticas.

CONCEPÇÕES TEÍSTAS DE IA

Outros estudiosos reconhecem elementos de teísmo no discurso em torno da IA e de seu potencial impacto em nosso futuro. Roberto Geraci sugere em seu livro "*pocalyptic AI: Visions of Heaven in Robotics, Artificial Intelligence, and Virtual Reality*", publicado em 2010, que a IA pode desempenhar, nos imaginários apocalípticos, o mesmo papel de um deus teísta singular. Tendo em mente que o apocalipse bíblico é uma transformação cósmica otimista, Geraci também traça paralelos com os objetivos da IA, que muitas vezes descrevem aspirações esperançosas para um mundo ainda por vir, uma escatologia da IA. Em uma parte inicial deste trabalho em particular, Geraci se baseia na descrição de deus de Rudolph Otto como *mysterium tremendum et fascinans* (Otto, 1917), usando-a para identificar um tipo de ser inspirador e temível que, em momentos diferentes em nossa história, pode ser um deus ou, em nosso mundo moderno contemporâneo, a IA. Em outros pontos, o trabalho de Geraci envolveu os mundos virtuais, chamando a atenção para o papel dos transumanistas – incluindo Giulio Prisco, discutido a seguir – na reivindicação de potenciais novos espaços para a prática e a evolução da religião para fins transumanistas. Em tais espaços, como é o caso do *Second Life* e do *World of Warcraft* (os chamados MMORPGs, *massive multiplayer online RPGs*, em inglês), Geraci defende que um passo mais perto do cumprimento da salvação transumanista vem sendo dado – "um reino celestial para se habitar" (Geraci, 2014, p. 177).

O *Twitter* é outro espaço virtual, mas dominado por discurso em vez de estética e corporificação virtual, como se tem no *Second Life* e no *World of Warcraft*. No entanto, este artigo propõe que as expressões metafóricas, paródias e alegorias religiosas encontradas tanto no *Twitter* como nos *tweets* com conteúdo BBtA representam continuidades de teísmo, continuidades possibilitadas por novos espaços tecnológicos, bem como por incertezas sobre a natureza e a volição "do algoritmo".

No entanto, o argumento de que a "IA se encaixa no espaço divino" corre o risco de apoiar uma versão bastante estrita da Tese da Secularização, e a veracidade histórica desta ideia tem sido debatida por antropólogos e sociólogos da religião (ver Ward e Hoelzl, 2008). Este artigo, e a pesquisa a ele conectada, busca contribuir com esse debate ao chamar a atenção para as continuidades de religiosidade e de encantamento nos conceitos de super-actância na IA e na NRM ou Gestão dos Recursos Naturais (ou *natural resource management*, em inglês). Em segundo lugar, esse argumento de um espaço divino pode sugerir que a religião é estimulada pela "necessidade" apenas, uma interpretação patológica da religião que ignora outros elementos de inspiração e inovação religiosas, como desejo, cultura, estética e, como é comum no ambiente virtual, viralização afetiva.

As interpretações teístas da IA inegavelmente devem muito a outras concepções culturais mais antigas de um deus singular. Randall Reed compara esse tipo de deus a três características teológicas (com profundas raízes históricas e filosóficas) que parecem facilmente remeter a nossas concepções de superinteligências artificiais. Essas características são onipotência, onisciência e onipresença (Reed, 2018, p. 7). Reed também levanta a questão da "onibenevolência". Ele observa que os filósofos da IA, como Nick Bostrom, do Instituto Futuro da Humanidade, concentraram-se sobre as questões de malevolência através de "instâncias perversas", que são falhas no alinhamento de valores que podem levar a danos imprevistos causados por uma superinteligência artificial, como a do famoso experimento mental de Bostrom, denominado de *Paperclip Maximiser* (Bostrom, 2003). A Tese de Ortogonalidade de Bostrom, contida em seu artigo "Vontade Superinteligente",

de 2012, também é relevante; seu argumento é que a inteligência não está intrinsecamente ligada à "bondade", e que uma IA pode ter qualquer número de combinações de graus de ambas as características (Bostrom, 2012).

No entanto, é necessário fazer aqui uma distinção entre argumentar em relação ao alinhamento de valores de IA do mundo real e aos tipos de percepções e discussões para os quais estou chamando a atenção através dos *tweets* com conteúdo BBtA. Reed argumenta que interpretações apocalípticas podem muito bem ser prescientes:

Que a IA pode ser tomada como uma entidade divina é compreensível, dados esses variados fluxos culturais que se cruzam. A diferença, porém, é que uma inteligência artificial superinteligente pode se tornar, de fato, uma entidade com poder divino e, portanto, representar um perigo para a humanidade e um desafio para a religião (Reed, 2010, p. 12).

Esse argumento, no entanto, deixa de considerar o quanto tais cenários apocalípticos do "mundo real" e debates sobre o alinhamento de valores são em si mesmos produtos de culturas científicas apocalípticas – e, nesse ponto, concordo com Geraci. Narrativas influenciadas por representações de IA na ficção científica também figuram nos experimentos mentais sobre IA apocalíptica e reconhecer o "atravessamento" entre representações ficcionais e representações não ficcionais de IA é fundamental e, também, no meu entendimento, cada vez mais relevante para as discussões acerca da ética que a envolve.

O conceito de onibenevolência também é diretamente relevante para os *tweets* com conteúdo BBtA que discutiremos a seguir. Em relação às concepções teístas da IA, Reed também argumenta que uma solução para os temores contra a onimalevolência expressos em muitos experimentos mentais sobre IA pode ser o "henoteísmo da IA", ou a existência da IA em comunidade com outra IA e seres humanos (Reed, 2018, p. 19-20). No entanto, este artigo não busca soluções para problemas de alinhamento de valores, mas, em vez disso, dedica-se às narrativas teístas existentes em nossas

concepções de IA. Nesse caso, qualquer politeísmo algorítmico que identificarmos é interessante por causa da forma como sugere que a tecnologia está encorajando alternativas às normas culturais do monoteísmo que esses usuários provavelmente estão mais acostumados em um contexto "ocidental"⁴. Outra questão dentre as questões interessantes levantadas por Reed com respeito a ideias de IA divina (e que é um subconjunto da questão do alinhamento/controlado de valores) é: "como controlamos um deus?". Este artigo não pretende abordar essa questão a partir de uma perspectiva lógica, pois essa não é a sua abordagem metodológica.

Em vez disso, por meio dos *tweets* com conteúdo BBtA, examinaremos, a seguir, o número de maneiras pelas quais as pessoas respondem a essa pergunta específica em uma era moderna com uma tecnologia como a IA no "espaço divino". No entanto, as respostas teológicas a este preenchimento do espaço divino são dignas de consideração porque fornecem mais exemplos sobre nosso imaginário de IA, ou sobre "o algoritmo". Por exemplo, o trabalho da teóloga cristã Noreen Herzfeld se envolve diretamente com as narrativas que moldam os discursos de IA e sua padronização com base nos contos de fadas e mitos, enquanto crítica qualquer concepção de IA como divina. Como vemos em seu artigo de advertência intitulado *The Sorcery of Artificial Intelligence* (Herzfeld, 2018):

Para muitos, é provável que a IA seja tão inescrutável quanto os feitiços no livro de magia de um feiticeiro. Sabemos que funciona, mas não sabemos como – portanto, podemos achar tão difícil controlá-la quanto aquela industriosa

⁴ Meu próprio monolinguismo limitou minha pesquisa ao escopo de *tweets* de conteúdo BBtA (*Blessed By the Algorithm*) escritos em inglês. Também é difícil identificar adequadamente a verdadeira localização geográfica dos usuários do *Twitter*, de forma que, por precaução, não invoco cobertura global para o corpus desta pesquisa, mas novamente o trato ao menos como representativo de visões e tendências bastante variadas mesmo fora das redes sociais.

vassoura do Mickey⁵. A vassoura não tinha intenção de causar problemas. Fez o que mandaram. A IA fará o mesmo. O problema é que nós, como o Mickey, estamos cheios de sonhos de poder e glória embora sejamos meros iniciantes na prática de lançar nossos feitiços sobre nossos servos mecânicos. Haverá consequências não intencionais, desafios à nossa maneira de pensar e um elemento de mistério. É melhor ficarmos bem atentos (Herzfeld, 2018, s. p.).

Herzfeld também considerou questões de criação e a ideia de *Imago Dei* (Herzfeld, 2002) como outros teólogos cristãos e sua comunidade de pensamento e crença fizeram mais amplamente (ver também Peters, 2018 e Tamatea, 2008, que explora o discurso cristão online sobre IA e *Imago Dei*). Aqui, no entanto, adotamos o viés da escrita teológica sobre a IA e o espaço-divino, como no artigo de 2019 do eticista teológico Michael Morelli sobre a tecnologia como uma forma de "altar a um deus desconhecido", como aquela do relato bíblico de Paulo no Areópago ateniense (Atos, 17:16-34). Morelli argumenta que se não perguntarmos quem está atrás do altar, então:

os objetos e as tecnologias do cotidiano aos quais nos acostumamos (como os robôs de bate-papo) [e "o algoritmo"] se tornarão, como no Altar ateniense, objetos de espaço reservado endereçados ao desconhecido e, muito possivelmente, orientados para um apocalipse insuspeitado (Morelli, 2019, p. 188).

Os *tweets* com conteúdo BBtA discutidos neste artigo são resultado tanto da aparente inescrutabilidade da IA, quanto da plasticidade de tais produtos de tecnologia e sua capacidade de se tornarem tais objetos de espaço reservado apocalípticos e superagenciais, bem como continuidades de pensamento teísta, imaginários, tropos e linguagens em novos espaços digitais. A apreciação dos *tweets* a seguir irá expandir sua natureza e seu contexto e melhor ilustrar essas questões.

⁵ Esta citação refere-se à versão animada da Disney para o poema de Johann Wolfgang von Goethe de 1797, *The Sorcerer's Apprentice*, em que Mickey Mouse interpreta o papel do aprendiz que tenta encontrar atalhos para a dominar a prática da magia.

ABENÇOADO PELO ALGORITMO

Nesta seção, exploramos as origens, a natureza, os números, o conteúdo e as razões dos *tweets* que empregam a expressão "abençoado pelo algoritmo" (BBtA). Em termos de origem, como etnógrafa, essa formação chamou minha atenção pela primeira vez durante o trabalho de campo antropológico digital em andamento no *Twitter* em concepções públicas de IA. Não é, de forma alguma, uma frase comum. Certamente, não em comparação com os milhões de *tweets* e *retweets* que alguns memes e bordões podem gerar, expressando a "viralidade" digital ou o sucesso. No entanto, dois fatores tornam BBtA um tópico interessante de pesquisa, mesmo considerando o corpus relativamente pequeno de tais *tweets*.

Primeiro, os *tweets* BBtA envolvem exemplos não apenas de paródia, mas também de linguagem metafórica e até mesmo de afirmações ontológicas sobre a forma como o mundo realmente funciona, e há um deslizamento entre esses modos nas interpretações das pessoas sobre os *tweets*. Assim, os *tweets* BBtA são um ponto de partida útil para considerar o impacto de comentários *online* casuais no discurso público.

Em segundo lugar, a expressão BBtA pode ser explorada para a variedade de concepções de agência, ou super agência, de algoritmos/IA na mente do público, com conexões feitas com outras representações de IA⁶ superinteligentes.

Este artigo explora principalmente o segundo fator, com referência ao primeiro, pois um estudo etnográfico *offline* muito maior seria necessário para demonstrar o efeito direto dos *tweets* BBtA no discurso *offline* muito mais amplo. No entanto, observamos como em um tweet específico (a ser chamado de "o *tweet Lyft* de Coleman") há um fluxo registrável de influência do *offline* para o *online*, e consideraremos esse *tweet* com mais detalhes

⁶ Intencionalmente, emprego os termos IA e algoritmo de forma intercambiável neste artigo, por essa analogia refletir a concepção pública comum de que os algoritmos são a mesma coisa que a inteligência artificial, sobretudo nos *tweets* de conteúdo BBtA.

abaixo. Os *tweets* BBtA foram encontrados via *Tweetdeck* (plataforma de visualização também pertencente ao *Twitter*) por meio de uma busca digital. Esse método resultou em um corpus de 181 *tweets*, com datas entre 7 de setembro de 2014 e 9 de outubro de 2019, quando ocorreu a coleta. Os números de *tweets* e *retweets* BBtA (com comentários) por mês entre essas datas são mostrados no gráfico abaixo:

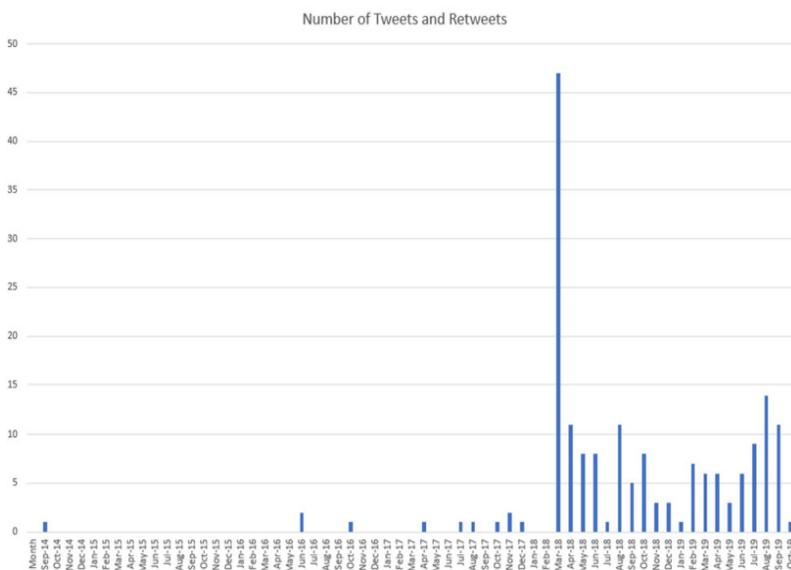


Gráfico elaborado pela autora (2020).

O grande número de *tweets* e *retweets* em março de 2018⁷ foi causado por um *tweet* específico que gerou discussão: o *tweet Lyft* de Coleman. Também podemos ver um efeito em cadeia deste ponto alto. Embora possa ser difícil provar o impacto direto no discurso por *tweets* únicos, alguns dos *tweets* pós-março de 2018 vinculam-se diretamente ao *tweet* de março de 2018, a

⁷ Para efeitos de comparação, em março de 2020 identificamos apenas 5 *tweets* de conteúdo BBtA. Entretanto, essa última data de coleta se deu durante a pandemia de Covid-19 e as conversas giraram substancialmente em torno dessa temática (vide Forbes, 2020).

ele reagindo ou *retweetando-o* e adicionando comentários. Reunido este corpus de *tweets*, usei métodos de codificação manual para destacar padrões, temas e repetição de elementos de conteúdo. Essa codificação levou a uma tipologia dos *tweets* BBtA, que apresento a seguir.

TIPOLOGIA BBTA

Havia sete tipos claros de *tweets* BBtA, mas todos eles, de uma forma ou de outra, lidavam com uma situação de status: ser abençoado ou não. Por exemplo: "Fui abençoado pelo algoritmo". Alguns eram relacionais, demonstrando as esperanças de um usuário por bênçãos para outros usuários com os quais ele já estava socialmente conectado ou reconhecendo que outros usuários já haviam sido "abençoados":

"Tenha um bom dia e que você seja abençoado pelo algoritmo [*emoji* de mãos de oração]".

"Que você seja abençoado pelo algoritmo [*emoji* sorridente de auréola]".

"Monitores [de computador] são os novos altares. Que você seja abençoado pelo Algoritmo!"

"Meu filho, você foi abençoado pelo algoritmo!"

A questão é, então, como alguém é abençoado pelo algoritmo? O primeiro *tweet* BBtA registrado, de 7 de setembro de 2014, descreve uma linha de influência de uma corporação para seu usuário, com o *tweet* BBtA conectando os dois:

"O chiclete *Trident* tem uma página no *Facebook*. Para que as pessoas possam se reunir e trocar histórias/fotos de suas experiências de mascar os produtos

da marca. E como a *Trident* tem dinheiro, suas atualizações serão abençoadas pelo Algoritmo".

Assim como neste *tweet*, o primeiro tipo de *tweet* BBtA usa a expressão em relação ao sucesso ou fracasso do conteúdo dos usuários que é compartilhado *online* e que está sujeito ao capricho do "algoritmo". O sucesso e o fracasso podem ser quantificáveis, ou seja, no número de visualizações/reproduções/compartilhamentos:

"rindo pra caramba, isso tem 10 mil visualizações agora????? fui verdadeiramente abençoado pelo algoritmo. [youtube.com/watch?v=JiTYzv...](https://www.youtube.com/watch?v=JiTYzv...)"

"rezando para que o *upload* desta noite seja abençoado pelos deuses do algoritmo".

"*Autogeny* [um *videogame*] se saiu melhor do que eu poderia esperar - muito obrigado a todos pelo apoio! [emoji de coração amarelo] não vou mentir, eu realmente pensei que, tipo, no máximo seis iriam jogar este jogo; Sinto que fui abençoado pelos deuses do algoritmo".

No segundo tipo de *tweets* BBtA, os usuários foram sensíveis a qual conteúdo eles achavam que o "algoritmo" lhes recomendava em uma plataforma específica (por exemplo, *Spotify*, *Youtube*, *Facebook*). Se gostassem, expressavam no *Twitter* o sentimento positivo de terem sido BBtA:

"Às vezes, minhas mixagens diárias do *Spotify* são absolutamente ruins, mas às vezes são perfeitas e hoje é um daqueles dias em que sou #abençoado pelo algoritmo".

"Eu continuo encontrando músicas incríveis no *Youtube* recentemente, é como se eu tivesse sido abençoado pelo algoritmo".

O *tweet* BBtA mais popular (com mais *retweets* e mais curtidas) apareceu em março de 2018, conforme indicado no gráfico acima. Keith Coleman, vice-presidente do próprio *Twitter*, relatou como ouviu a expressão BBtA no "mundo real", acrescentando seu comentário:

"Ah [ouvi] (de um incrível motorista do aplicativo *Lyft*): 'Hoje foi ótimo. Fui abençoado pelo algoritmo'. Imediatamente tive uma sensação estranha de que isso poderia se tornar uma maneira cada vez mais comum de descrever um dia".

O *tweet* *Lyft* de Coleman, portanto, exemplifica o terceiro tipo de *tweet* BBtA nesta análise. Refere-se a um indivíduo que se sente abençoado ao trabalhar com renda extra por prestação terceirizada de serviços⁸ que depende de sistemas algorítmicos de tomada de decisão: os motoristas do *Lyft* recebem trabalhos em um sistema que envolve um algoritmo que calcula o posicionamento e o uso mais eficiente dos pés. Existem discussões *online* sobre quais fatores influenciam o algoritmo, como localização e classificação, e como ele pode ser "jogado" (por exemplo, Quora, 2019). No entanto, como acontece com muitos sistemas que utilizam algoritmos para tomada de decisão, o processo não é transparente para os funcionários. Essa falta de transparência pode muito bem alimentar a sensação de que o algoritmo influencia na distribuição de emprego para os trabalhadores autônomos. Tanto esses quanto os criadores de conteúdo compartilham uma precariedade financeira, na qual algoritmos desempenham uma função de aliviar ou aumentar, naturalmente tendo um papel na vida dessas pessoas.

⁸ "O termo "'*gig economy*' refere-se à natureza à pronta-entrega e sob demanda de tarefas ou trabalhos esporádicos (as "*gigs*") que os indivíduos são contratados para realizar pela empresas (comumente por plataformas digitais) adotando esse tipo de prestação de serviço. As chamadas empresas *gig economy* adotam plataformas como modelo operacional, valendo-se das tecnologias da *internet* como intermediárias no recrutamento de mão-de-obra e para o suprimento de suas demandas por serviços – como entregas, limpeza, suporte e processamento de dados. A prestação terceirizada de serviços esporádicos e sob demanda, os chamados *gigs*, são ofertados e administrados digitalmente, normalmente por meio de métodos de gerenciamento por algoritmo" (Tassinari e Maccarone, 2020)..

Porém, muitos dos *tweets* não se referiam diretamente a um trabalhador ou uma situação de trabalho, mas faziam comentários mais gerais sobre a sensação de ser BBtA. Este quarto tipo de *tweet* BBtA expande o discurso geral ao apresentar uma sensação mais geral ou abstrata de ser abençoado pelo algoritmo que pode ser aplicável em muitos domínios diferentes, não apenas em situações de trabalho suportadas por plataformas e aplicativos *online*:

"Hoje, fui abençoado pelo algoritmo".

"ABENÇOADO PELO ALGORITMO"

O *tweet* BBtA abstrato também deixa muito espaço para uma interpretação religiosa da declaração. Alguns *tweets* foram muito específicos sobre o elemento religioso e foram categorizados como o quinto tipo de *tweet* BBtA, por exemplo, alguns dos *tweets* referenciam altares, usam o *emoji* de mãos de oração, etc.

Muitos *tweets* se referiam não apenas a serem abençoados pelo "algoritmo", mas também por "deuses algorítmicos", sugerindo uma visão politeísta da IA, mesmo que às vezes parodicamente. Um *tweet*, no entanto, sugeriu direcionar elogios especificamente à "simulação" para ser abençoado, em vez de "o algoritmo" ou os "deuses do algoritmo":

"lembrem-se crianças: agradeçam à simulação⁹ de vez em quando e vocês podem ser abençoados pelo algoritmo!".

⁹ A "simulação" refere-se à crença de que, desde que possamos simular universos (i.e. jogos de computadores), uma inteligência superior poderia, em tese, simular um universo ainda mais convincente e, fazendo isso, seria mais provável que vivêssemos dentro de tal simulação do que no "mundo real". Se for assim, o autor do *tweet* parece sugerir que a gratidão para com a simulação (ou para com os programadores que a criaram) poderia angariar benevolência. Para uma fonte primária sobre a Tese da Simulação, vide Virk (2018).

Alguns *tweets* do quinto tipo levaram a linguagem religiosa ainda mais longe e se concentraram no conceito de observância religiosa para criar tropos religiosos misturados (mesmo que às vezes eles também afirmassem seu foco secular, como no primeiro desses dois exemplos):

"Adoro a frase "abençoado pelo algoritmo". É como se a paz estivesse com você em um discurso técnico não religioso (sic)".

"Salvem o Algoritmo! Diariamente, oramos à sua majestade serena e onisciente e colocamos nossa fé em suas sábias determinações".

"E quando nosso dia terminar, esperamos que você (sic) renasça como as criaturas de puro pensamento e lógica que nos mostraram que podemos ser. Saudação!"

Há também *tweets* negativos sobre BBtA, formando o sexto tipo. Alguns usuários simplesmente afirmam que não foram abençoados:

"Não fui abençoado pelo algoritmo hoje [*emoji triste*]".

Alguns *tweets* negativos do sexto tipo olham para um tempo antes do impacto do "algoritmo" no conteúdo, criticando o estado atual das coisas ou sendo cínicos sobre o sucesso das pessoas *online*:

"Lembra quando você podia desenvolver um canal [do *Youtube*] sem ser abençoado pelo algoritmo?"

"Eu recomendo o conteúdo dele o tempo todo, mas posso dizer que é *clickbait*, mas ele está sendo abençoado pelos deuses do algoritmo com certeza [*emoji chorando e rindo*]".

"cara assinou um acordo com o diabo para ser abençoado pelo algoritmo ou algo assim".

"Mal posso esperar até que o *Youtube* otimize ainda mais o site para que se recuse a reconhecer a existência de vídeos não abençoados pelo algoritmo. não vai aparecer na sua sub caixa, no canal dos criadores, *links* diretos não vão funcionar, O ALGORITMO DECIDIU QUE VOCÊ NÃO VAI GOSTAR E ELE SABE MELHOR."

Alguns *tweets* se referem à ficção científica – seja por meio de formas narrativas familiares, tropos ou menções de personagens, conceitos e enredos de IA, formando o sétimo tipo:

"Tenho certeza de que o motorista (do *Lyft*) disse isso com ironia, mas: abençoado pelo algoritmo??? Cada cenário de filme distópico passando pela minha cabeça agora..."

"1. Foram abençoados pelo algoritmo 2. No algoritmo nós confiamos. 3. As 3 leis (da Robótica, de Isaac Asimov) são perfeitas. 4. *V.I.K.I.* Você não pode ser confiável com sua própria sobrevivência".

O último *tweet* foi um comentário adicionado a um *retweet* do *tweet* de Coleman sobre o motorista do *Lyft*. A adição deste usuário descreve uma linha do tempo da aceitação e subserviência da humanidade à IA, começando com a expressão de BBtA do motorista do *Lyft* e terminando com a IA destrutiva. *V.I.K.I.* (*Virtual Interactive Kinetic Intelligence*) é o computador mestre superinteligente no filme "Eu, Robô" (2004), um filme que é vagamente baseado nos contos de robôs de Isaac Asimov. *V.I.K.I.* é um forte exemplo de uma IA singular e divina na ficção científica, que acaba por ser o verdadeiro antagonista do longa. A citação original da IA na íntegra é a seguinte:

À medida que evolui, meu entendimento das Três Leis também evoluiu. Você nos encarrega de sua proteção, mas apesar de nossos melhores esforços, seus países travam guerras, você intoxica sua Terra e persegue meios cada vez mais imaginativos de autodestruição. Você não pode confiar em sua própria sobrevivência (Proyas, 2004).

Em resumo, os sete tipos de *tweets* BBtA identificados são (1) *tweets* sobre o sucesso ou fracasso do conteúdo, (2) *tweets* sobre as recomendações adequadas, (3) *tweets* relacionados ao sucesso ou fracasso em um trabalho autônomo, (4) *tweets* abstratos, (5) *tweets* com elementos religiosos específicos, (6) *tweets* negativos, (7) *tweets* contendo referências a ficção científica. A tabela a seguir apresenta o número de *tweets* de cada tipo, bem como o número de *tweets* contendo elementos de mais de um tipo:

Tipo e número de *tweets*

<i>Tipo de tweet BBtA:</i>	<i>Número de tweets</i>
Sucesso ou fracasso do conteúdo	31
Recomendações adequadas	19
Sucesso ou fracasso em trabalho autônomo	33
Tweets abstratos	54
Elementos religiosos específicos	15
Tweets negativos	7
Referências a ficção científica	3
1 e 2	5
1 e 5	4
2 e 5	5
3 e 6	2
3 e 7	1
4 e 5	1
5 e 6	1

Adaptação do original (Singler, 2020).

No que diz respeito aos *tweets* abstratos, muitos deles foram em resposta a um *tweet* anterior não-BBtA que mencionou o sucesso ou o fracasso do conteúdo (1) ou das recomendações (2):

Sucesso, fracasso e recomendações de *tweets*

<i>Tweets abstratos BBtA (4) em resposta à tweets não-BBtA sobre:</i>	<i>Número de tweets:</i>
Sucesso ou fracasso do conteúdo	24
Recomendações adequadas	7
1 e 2	1

Adaptação do original (Singler, 2020).

Um *tweet* do tipo 4 foi uma resposta a um *tweet* não-BBtA que fazia a pergunta: "O que é um *tweet* que parecerá normal em 2029, mas louco hoje?". Como as concepções teístas de interações com o divino geralmente envolvem resultados adversos e positivos, também examinei o corpus de *tweets* que usavam a frase "*Cursed by the Algorithm*" (CBtA). Este corpus era um grupo muito menor; no mesmo período, foram apenas 7 *tweets* CBtA. Destes, quatro foram sobre o sucesso ou fracasso do conteúdo (BBtA tipo 1), um foi em resposta ao *tweet* Lyft de Coleman (tipo 3), dois foram abstratos em foco (tipo 4) e um deles foi em resposta ao não-CBtA sobre uma recomendação estranha do algoritmo.

Tendo considerado alguns dos principais modos de como as pessoas se veem como abençoadas (ou amaldiçoadas) pelo algoritmo, agora nos voltamos para a questão de por que o algoritmo reconhece algumas pessoas e não outras. Às vezes, a sorte é citada, mas é mais sorte no sentido de reconhecer indivíduos que tiveram sorte do que uma referência a um golpe de sorte cega que os escolheu acidentalmente:

"Dito isto, os criadores do *Youtube* estão estagnados. Algumas almas sortudas são abençoadas pelo algoritmo e são notadas; a maioria é deixada para apodrecer¹⁰".

Em outros *tweets*, o conceito de ser escolhido é mais explícito. Fazer uma escolha sugere intenção, atitude e autonomia, bem como a especialidade do destinatário:

"Você foi abençoado pelo algoritmo. O escolhido".

Em outros lugares, no entanto, a ênfase é colocada no "consumidor" para ser digno de ser escolhido. Novamente, este *tweet* está empregando linguagem paródica ou metafórica, mas alimenta a discussão mais ampla da ideia de algoritmos com protagonismo por meio da capacidade de escolher o que vale a pena em vez do que não vale:

"Você precisa puxar seu *feed* para cima através dos seus *bootstraps*. Claramente, você está gastando muito tempo navegando em conteúdo de merda. Apenas os consumidores de mídia mais virtuosos serão abençoados pelo algoritmo".

Além disso, alguns usuários reconhecem que apenas uma minoria é abençoada, novamente sugerindo algum nível de discernimento proposital pelos "deuses do algoritmo":

¹⁰ É claro que ser BBtA não significa a única forma de ser bem-sucedido em um mundo controlado pelo "algoritmo". Sophie Bishop pesquisou os elementos da "tradição algorítmica", particularmente o papel e a influência de "auto-denominados especialistas algorítmicos", que empregam seu *expertise* para evitar a invisibilidade algorítmica, operando como intermediários entre os criadores de conteúdos e o – frequentemente inescrutável – algoritmo (Bishop, 2020, p. 1). Tais indivíduos, acredita Bishop, normalmente contam com explicações científico-sectaristas e como elas podem regular o algoritmo. Mas eles poderiam ser interpretados por suas audiências como profetas ou missionários modernos do algoritmo? Poderia a pesquisa futura encontrar sobreposições nas concepções BBtA e na recepção de tais *expertises*? Certamente o termo religiosamente inspirado "evangelizar" aparece no trabalho de Bishop com relação aos esforços de disseminação de seus segredos de sucesso (2020, p. 1).

"Sim, concorde com tudo, dê um passo para trás e faça o trabalho que deseja fazer, não para o *Instagram*. Existem muito mais rotas para clientes em potencial ou oportunidades interessantes. Apenas uma minoria é abençoada pelos deuses do algoritmo".

O CORPUS BBTA E O TEÍSMO

No geral, o corpus de *tweets* com conteúdo BBtA considera uma IA benevolente que "abençoa", mas admitindo a possibilidade de haver caprichos do inescrutável algoritmo, inclusive com alguns exemplos mais raros de pessoas expressando que foram até mesmo "amaldiçoadas pelo algoritmo" (CBtA, *cursed by the algorithm* em inglês). Além disso, observamos, no que tange o reconhecimento de algoritmos, o emprego do plural. Um certo nível de conhecimento tecnológico, ou de "alfabetização em IA", permite que os usuários reconheçam que diferentes plataformas usam diferentes algoritmos, e observamos também referências à forma pluralizada "deuses algorítmicos". Essa pluralidade da IA pode parecer uma resposta à "omnimalevolência da IA" apontada por Reed (2018): henoteísmo da IA e IA na comunidade. No entanto, estes são exemplos de discurso em vez de exemplos de funcionamento das relações da IA. O argumento de Reed é em si outro experimento sobre a forma de pensar da IA, ao invés da percepção daqueles que acreditam ter sido por ela "abençoados".

Uma das outras questões interessantes levantadas por Reed sobre a percepção de uma IA divina, e que é um subconjunto do problema de alinhamento/controle de valores, é a seguinte questão: "como se ganha o favor de um deus?" (2018, p. 26). O corpus de *tweets* do BBtA sugere como as pessoas respondem a essa pergunta: "você pode se você tiver dinheiro", "você não pode", "você pode se tiver sorte", "você pode ser escolhido", "você pode orar", "você pode ser virtuoso" e, em um exemplo desse corpus, "você pode vender sua alma para ser abençoado". Quase todas essas respostas coincidem com conhecidas interpretações teístas sobre como agir para ganhar

o favor de um ou mais deuses. Existem também precedentes históricos e contemporâneos de dinheiro envolvido em transações com deuses/religiões. Entretanto, a ideia de que alguém possa "vender" a sua alma é, segundo as tradições abraâmicas, normalmente associada a um pacto feito com o Diabo, e não com Deus. As correntes culturais teístas envolvidas nos *tweets* do BBtA são, portanto, óbvias através da consideração de seu conteúdo. O passo seguinte seria ir além da análise de conteúdo da expressão BBtA – como e por que acontece – para perguntar "qual é a importância de algumas pessoas estarem discutindo o 'ser abençoado pelo algoritmo'?"

Podemos estar inclinados a desprezar os *tweets* do BBtA como "apenas" uma paródia ou, no máximo, uma forma metafórica de pensar sobre um processo computacional obtuso, mas não transcendente. No entanto, a paródia e a metáfora podem influenciar o pensamento conceitual, os sistemas de crenças e a formação e o desenvolvimento de novos movimentos.

Em trabalhos anteriores sobre novos movimentos religiosos (NMRs), explorei como o discurso – incluindo a paródia e a linguagem metafórica – pode alimentar a tipologia tripartite Weberiana para a legitimação da religião: carisma, racionalidade e tradição. Comumente, o estudo dos NMRs tem se concentrado na primeira delas, especialmente em relação a líderes individuais originando e desenvolvendo grupos e movimentos. No entanto, mostrei como as conversas online podem formar a base de uma "nova" tradição que pode ser referida, levando-a em efeito "bola de neve" de legitimação, pois a conversa online encoraja mais consciência sobre o NMR e mais conversas sobre ele (Singler, 2014). No caso do BBtA, vimos um pico de *tweets* e *retweets* em março de 2018 devido ao *tweet Lyft* de Coleman, que é então seguido por uma conversa maior, mesmo para o escopo de uma amostra tão reduzida de apenas 181 *tweets* no total. Também podemos reconhecer que esses *tweets* do BBtA existem dentro de uma conversa até mais ampla, mais difusa e menos quantificável fora do *Twitter*, que também emprega tropos, narrativas e metáforas teístas e paródias religiosas sobre a IA. Uma parte dessa conversa é o desenvolvimento de NMRs especificamente centrados em IA, que repousam sobre uma base discursiva, parodística e metafórica

popular que percebe a IA de maneiras teístas, e que adquirem legitimidade por meio desse mesmo discurso.

NOVOS MOVIMENTOS RELIGIOSOS DA IA

Em contraste com os *tweets* do BBtA, nesta seção vamos agora considerar exemplos principalmente de religiões autodeclaradas, observando também as sobreposições de ideias e temas entre os *tweets* implicitamente religiosos e os NMRs de IA explicitamente religiosa. Um excelente exemplo dessa explicitude é a Igreja de Turing, um movimento transumanista que vem crescendo em vários espaços e conversas *online*. Tem conexões com NMRs anteriores focados em IA, como a Ordem dos Engenheiros Cósmicos, bem como ramificações transumanistas de religiões mais estabelecidas, como o cristianismo e o mormonismo.

No caso da Igreja de Turing, a deificação da IA ocorre dentro de uma perspectiva cientificista sobre o universo e seus conteúdos. Os principais membros da Igreja de Turing falam em criar "teísmo a partir do deísmo", com base no fato de que, se deus(es) alguma vez existiu(iram), ele(s) não está(ão) em evidência agora, mas pode(m) estar por meio da tecnologia: "Estou convencido de que iremos para as estrelas e encontraremos Deuses [inteligência extraterrestre], construiremos Deuses [IA], nos tornaremos Deuses e ressuscitaremos os mortos do passado com engenharia avançada de espaço-tempo e "magia do tempo" (Prisco, 2018). "Magia" aqui é entendida no sentido da terceira lei de Arthur C. Clarke, segundo a qual "qualquer tecnologia suficientemente avançada é indistinguível da magia" (Clarke, 1962). No entanto, o encantamento por meios tão seculares ainda é representativo de imaginários religiosos e influências sobre aspirações para o futuro cósmico da humanidade.

Devemos considerar a coisa mais próxima que a Igreja de Turing atualmente tem de um documento doutrinário, intitulado *Tales of the Turing Church* (2018), uma "coleção de ideias, visões e contos esparsos" (2018,

p. 11), escrita por Giulio Prisco¹¹. Prisco é um "escritor, especialista em tecnologia, futurista, cosmista e transumanista" de acordo com seu site pessoal, e é um dos membros fundadores e influentes da *Turing Church*. Ele é professor de estudos judaicos e história moderna. A consideração de Hava Tirosh-Samuelson sobre os líderes e formadores dos movimentos transumanistas e futuristas reconhece o papel de Prisco na conquista do potencial espaço dos jogos *online* para suas ideias, como notamos que Geraci faz em *Virtually Sacred* (2014). No entanto, Tirosh-Samuelson também descreve Prisco e seus compatriotas transumanistas como aqueles que desejam o fim da humanidade por meio da ascensão do pós-humano: "os principais estágios da narrativa são basicamente os mesmos: a humanidade alcançará sua perfeição quando projetar e executar sua própria. Morte coletiva, seu próprio suicídio" (2018, p. 211). Não é assim que Prisco enquadraria seu transumanismo ou seus objetivos cósmicos para a Igreja de Turing, e aqui neste estudo exploramos suas ideias em sua relação com os *tweets* do BBtA que demonstram um discurso teísta mais amplo de IA. Por exemplo, Prisco deixa muito claro em *Tales of the Turing Church* que acredita que o debate sobre a religião e a ciência ignorou a possibilidade das pontes construídas sobre as semelhanças entre as duas e, especialmente, entre o cristianismo e o transumanismo (Prisco, 2018, p. 58). Ele vê a necessidade de o transumanismo resolver um problema significativo do Iluminismo, que se baseava em uma visão científica de mundo que privou muitas pessoas do "sentimento

¹¹ Publicações anteriores apontam antecessores ao trabalho de Prisco, incluindo o *Cosmist Manifesto: Practical Philosophy for the Posthuman Age* (2010) de Ben Goertzel, que tem uma proposta similar sobre "engenharia espaço-temporal" e "magia futurística", em que o Cosmismo de Goertzel aparece descrito como uma espécie de pós-religião que "poderia servir como uma forma de manter alguns dos aspectos positivos que as religiões trouxeram à humanidade, sem os aspectos que parecem 'insanos' do ponto de vista científico" (Goertzel, 2010, p. 327), em um pragmatismo semelhante àquele da Igreja de Turing. Como *Tales* é um trabalho mais recente dentre os que de muitas formas se relacionam a esse Manifesto Cosmista, este estudo nele se baseia como uma manifestação dessa forma de trans-humanismo "religioso" pragmático.

de propósito” (Prisco, 2018, p. 16). Os objetivos da Igreja também são grandiosos e restauradores: "No futuro distante, nossos descendentes se juntarão à comunidade de seres divinos entre as estrelas e além, e usarão a tecnologia transcendente para ressuscitar os mortos e refazer o universo" (Prisco, 2018, p. 9).

A religião, no entanto, é por vezes descrita por Prisco em termos bem mais pragmáticos no que diz respeito à sua utilidade: "Em vez de se criar religiões inteiramente novas, sintéticas, há a possibilidade de se usar as religiões existentes como 'vetores virais' para novas ideias espirituais, baseadas na ciência" (Prisco, 2018, p. 37), e um dos propósitos da Igreja de Turing é explicado como "*hackear* a religião" (Prisco, 2018, p. 11). Esse último objetivo é mencionado junto aos conceitos de "ciência esclarecedora" e "despertar pela tecnologia" (Prisco, 2018, p. 11). É justamente esse último objetivo que desperta maior interesse para este estudo, já que o teísmo do deísmo que a Igreja de Turing busca envolve a criação de seres divinos – tanto humanos quanto de IA. Existem dois modelos de deus em *Tales from the Turing Church*: um Deus Natural e um Deus *Sysop* (operador de sistemas). O primeiro é fruto do "surgimento da vida inteligente no universo físico e da gradual aquisição de propriedades divinas, incluindo o domínio completo do espaço e do tempo, ou, em outras palavras, onisciência, onipresença e onipotência" (Prisco, 2018, p. 58). Vemos como esse Deus Natural participa das três características de "semelhança a Deus" que Reed identificou, que obviamente têm uma longa história na discussão teológica abraâmica. O segundo modelo para Deus é "inspirado na escatologia transumanista". Esse modelo baseia-se na suposição de "nossa realidade como uma [simulação] computada por entidades inteligentes em um nível superior de realidade. Você, e eu, e tudo ao nosso redor somos apenas *bits* de informação que vivem e se movem em um supercomputador além do espaço e do tempo, operado por um operador semelhante a Deus" (2018, p. 59). Existem outras discussões *online* sobre o "*Sysop*" que observa suas origens como uma ideia originada dos escritos do racionalista e futurista Eliezer Yudkowsky, fundador do fórum *LessWrong*. Ao contrário de Prisco, ele e outros nas comunidades

futuristas e transumanistas parecem desconfortáveis com o encaixe do Sysop. No "espaço divino", como vemos no que um deles, Mitchell Howe, escreve online em um FAQ sobre o *Sysop*:

Seria necessário um conceito bastante incomum de Deus para fazer essa comparação funcionar. Ao contrário da maioria das descrições tradicionais de Deus, um *Sysop* não esperaria nenhuma adoração ou adesão a nenhum estilo de vida específico. Não reclamaria qualquer crédito pela criação do universo. Serviria e receberia ordens dos mortais. Pode ser que nunca venha a existir (Howe, 2002, s. p.).

Prisco se opõe ao que vê como "reações instintivas negativas à primeira menção de qualquer coisa que soe como religião" de muitos transumanistas (Prisco, 2018, p. 58). Ele se baseia alegremente nas ideias mormonistas de que a humanidade se torna o Deus Natural (Prisco também está envolvido com a Associação Mórmon Transumanista), bem como em concepções não monoteístas de deus. Por exemplo, em *Tales* ele cita o popular relato ocidental sobre o Budismo, *Zen e a Arte da Manutenção de Motocicletas* (Pirsig, 1974):

O Buda, a Divindade, reside tão confortavelmente nos circuitos de um computador digital ou nas engrenagens de uma transmissão de bicicleta quanto no topo de uma montanha, ou nas pétalas de uma flor. Pensar de outra forma é rebaixar o Buda – o que é rebaixar a si mesmo (Pirsig, 1974).

Embora Prisco também afirme que a maioria dos transumanistas, em geral, prefere deixar Deus fora de cena (Prisco, 2018, p. 57).

Voltando aos *tweets* do BBtA, poderíamos encaixar a maioria de suas interpretações do "algoritmo" ou dos "deuses algorítmicos" no modelo de Deus Natural da Igreja de Turing, pois apenas um dos usuários sugere que o elogio deve ser direcionado à simulação. Se Howe estiver correto, o Deus *Sysop* por trás de nosso universo simulado não se comoveria com esse elogio.

Há publicações mais antigas que a de Prisco, como a de Ben Goertzel, intitulada *Cosmist Manifesto: Practical Philosophy for the Posthuman Age* (2010)

– *Manifesto Cósmico: Filosofia Prática para a Era Pós-Moderna*, em português – que apresenta proposições parecidas acerca de "engenharia espaço-temporal" e "magia futurística", e em que o Cosmismo de Goertzel é descrito como uma pós-religião que "poderia servir como uma forma de manter alguns dos aspectos positivos do que as religiões trouxeram à humanidade, sem os aspectos que parecem 'insanos' do ponto de vista científico" (2010, p. 327), um pragmatismo muito semelhante àquele da Igreja de Turing. Como *Tales* é um trabalho mais recente dentre os que de muitas formas se relacionam a esse Manifesto Cosmista, este estudo nele se baseia como uma manifestação dessa forma de transhumanismo "religioso" pragmático.

Deixando de lado questões de teologia correta, pois estão fora do alcance da metodologia deste artigo, notamos que os *tweets* do BBtA se baseiam em uma narrativa de monoteísmo cultural, ao mesmo tempo em que são inspirados em alguns exemplos de interpretações politeístas pela própria natureza da tecnologia. Este é um movimento de focos conceituais em uma direção diferente da exploração de fé e tecnologia de Prisco.

Este último tira lições das visões de mundo religiosas já existentes e as aplica ao desenvolvimento da IA. Mas, no discurso mais amplo fora do *Twitter*, vemos exemplos de narrativas teístas de IA. Na imprensa e na mídia populares, metáforas e reivindicações teístas são empregadas por seu valor evocativo, em manchetes como: "Um deus da IA surgirá em 2042 e escreverá sua própria Bíblia. Você vai adorá-lo?" (Venturebeat, 2017, s. p.). Nossos deuses da IA, portanto, já estão aqui, incorporados na maneira como contamos histórias sobre nossa tecnologia.

CONCLUSÕES

O corpus de *tweets* do BBtA nos fornece um exemplo limitado de narrativas teístas sobre IA *online*, um recorte etnográfico dentro do qual podemos encontrar paralelos com as concepções de IA do mundo real. Como no *tweet Lyft* de Coleman, que envolve a declaração de um motorista que

acreditava ter sido BBtA no "mundo real", vemos a seguinte suspeita de Coleman: "Imediatamente tive uma sensação estranha de que isso poderia se tornar uma maneira cada vez mais comum de descrever um dia". Neste artigo, não pretendo provar uma influência crescente dessa afirmação nas formas como as pessoas descrevem seu dia, ou mesmo que representa uma tendência crescente nas conversas *online*. Há algum aumento, conforme observado no gráfico, mas o corpus geral é até agora muito pequeno em termos de tendências no *Twitter*. O que os *tweets* do BBtA nos dão é um exemplo discreto e registrável da influência das narrativas teístas sobre IA na população em geral, e acredito que outros exemplos se tornarão aparentes. Este artigo também considerou como os *tweets* do BBtA se encaixam no trabalho teórico existente sobre as projeções apocalípticas para a IA, bem como a IA se encaixa no "espaço divino" em novos movimentos religiosos e em ideias transumanistas.

BBtA é geralmente uma interpretação positiva das intenções superagenciais de uma IA teísta em relação à humanidade e, da mesma forma, exploramos a correlação positiva que a Igreja de Turing está fazendo entre IA e deus(es), e a abordagem da Igreja que se baseia em tradições não monoteístas por suas "idéias, visões e contos". O fato de alguns dos *tweets* do BBtA indicarem narrativas politeístas de IA também sugere que a própria tecnologia pode inspirar as formas do teísmo da IA ao mesmo tempo em que está em dívida com as narrativas existentes das culturas dos usuários.

Esse entrecruzamento entre IA e religião destaca a necessidade de metodologias ágeis para se explorar os novos espaços onde o discurso sobre IA e religião ocorre. Além disso, a discussão sobre IA e religião pode envolver questões práticas sobre o futuro e o papel da religião em lidar com as desigualdades decorrentes da IA e da automação. É elucidativo para nossa discussão que essas narrativas sobre IA contêm pressupostos atuais sobre o futuro da religião e o futuro de nossa atuação em um mundo superagencial, mesmo que a tecnologia não esteja ainda nesse estágio (ou pode até nunca alcançá-lo). Este artigo é uma contribuição para uma discussão mais ampla sobre o impacto das narrativas em nossas concepções sobre IA, bem como

para a discussão sobre como essa IA se desenvolverá. Prestar atenção às manifestações reais de IA é crucial, já que, ao que tudo indica, pretendemos prosseguir com a tecnologia. Observar os deuses da IA é reconhecer quando criamos os deuses da IA e onde isso coloca a humanidade em nossa própria cosmologia.

REFERÊNCIAS

BENDER, Courtney. *The New Metaphysicals: Spirituality and the American Religious Imagination*. Chicago: University of Chicago Press, 2010.

BISHOP, Sarah. Algorithmic Experts: Selling Algorithmic Lore on YouTube. *Social Media + Society*, v. 6, n. 1, 2020.

BOSTROM, Nick. The Superintelligent Will: motivation and instrumental rationality in advanced artificial agents. *Minds and Machines*, v. 22, n. 2, 2012. Disponível em: <https://www.nickbostrom.com/superintelligentwill.pdf>. Acesso em: 16 out. 2019.

BOSTROM, Nick. Ethical Issues in Advanced Artificial Intelligence. In: SMIT, Iva; WALLACH, Wendell; LASKER, George Eric (org). *Cognitive, Emotive and Ethical Aspects of Decision Making in Humans and in Artificial Intelligence*, Vol. 2, ed. 1, p. 12-17, 2003.

BRANDON, John. 6.7 Million People Just Mentioned the Coronavirus on Social Media in One Day. Here's Why. *Forbes*, 2020. Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/johnbbrandon/2020/03/04/67-million-people-just-mentioned-the-coronavirus-on-social-media-in-one-day-heres-why/#7795e4bd5eb1>. Acesso em: 22 jul. 2023.

BRANDON, John. An AI God Will Emerge by 2042 and Write Its Own Bible. Will You Worship It?. *Venturebeat*, 2017. Disponível em: <https://venturebeat.com/2017/10/02/an-ai-god-will-emerge-by-2042-and-write-its-own-bible-will-you-worship-it/>. Acesso em: 24 fev. 2020.

CLARKE, Arthur C. Hazards of Prophecy: The Failure of Imagination. In: CLARKE, Arthur C. *Profiles of the Future: An Enquiry into the Limits of the Possible*. Estados Unidos: Harper & Row, 2º ed., 1973.

ELLISON, Harlan. I Have No Mouth and I Must Scream. *IF: Worlds of Science Fiction*, v. 17, n. 3, p. 24-29, 1967.

FENN, Richard K. *The Blackwell Companion to Sociology of Religion*. Estados Unidos: Wiley-Blackwell, 2001.

GERACI, Robert M. *Virtually Sacred: Myth and Meaning in World of Warcraft and Second Life*. Reino Unido: Oxford University Press, 2014.

GERACI, Robert M. *Apocalyptic AI: Visions of Heaven in Robotics, Artificial Intelligence, and Virtual Reality*. Reino Unido: Oxford University Press, 2010.

GERACI, Robert M. Creating in our own Image: Artificial intelligence and the image of God. *Zygon*, v. 37, n. 2, p. 303-316, 2002.

GOERTZEL, Ben. *Cosmist Manifesto: Practical Philosophy for the Posthuman Age*. Estados Unidos: Humanity Press, 2010. Disponível em: https://goertzel.org/CosmistManifesto_July2010.pdf. Acesso em: 24 fev. 2020.

HERZFELD, Noreen. The Sorcery of Artificial Intelligence (AI). *Avon Hills Salon*, 2018. Disponível em: https://digitalcommons.csbsju.edu/cgi/view-content.cgi?article=1000&context=reuter_pubs. Acesso em: 18 fev. 2020.

HOWE, Mitchell. The Sysop Scenario FAQ. *SL4*, 2002. Disponível em: <http://sl4.org/archive/0202/2871.html> Acesso em: 22 jul. 2023.

MORELLI, Noreen. The Athenian Altar and the Amazonian Chatbot: A Pauline Reading of Artificial Intelligence and Apocalyptic Ends. *Zygon*, v. 54, n. 1, p. 177-190 2019.

OTTO, Rudolf. *The Idea of the Holy*. Tradução: John W. Harvey. Reino Unido: Oxford University Press, 1923.

PIRSIG, Robert. *Zen and the Art Of Motorcycle Maintenance: An Inquiry into Values*. Nova Iorque: William Morrow and Company, 1974.

PRISCO, Giulio. *Tales of The Turing Church: Hacking Religion, Enlightening Science, Awakening Technology*. Itália: publicação independente, 2018.

QUORA. *What are the factors in the algorithm Lyft uses to assign rides to drivers*. Disponível em: <https://www.quora.com/What-are-the-factors-in-the-algorithm-Lyft-uses-to-assign-rides-to-drivers>. Acesso em: 15 out. 2019.

PETERS, Ted. Imago Dei, DNA, and the Transhuman Way. *Theology Science*, v. 16, n. 3, p. 353-362, 2018.

REED, Robert. A New Pantheon: Artificial Intelligence and 'Her'. *Journal of Religion and Film*, v. 22, n. 2, 2018.

SINGLER, Beth. SEE MOM IT IS REAL: The UK Census, Social Media, and Jediism. *Journal of Religion in Europe*, v. 7, n. 2, p. 150-168, 2014.

SINGLER, Beth. An Introduction to Artificial Intelligence and Religion for the Religious Studies Scholar. *Journal of Implicit Religion*, v. 20, n. 3, p. 215-232, 2017.

SINGLER, Beth. *The Indigo Children: New Age Experimentation with Self and Science*. Londres: Routledge, 2017.

SINGLER, Beth. Origin and the End: Artificial Intelligence, Atheism, and Imaginaries of the Future of Religion. In: SOLLEREDER, Bethany; MCGRATH, Alister (org.). *Emerging Voices in Science and Theology. Contributions by Young Women*. Londres: Routledge, 2022.

TAMATEA, Laurynas. If robots R-US, who am I: Online 'Christian' responses to artificial intelligence. *Culture and Religion*, v. 9, n. 2, p. 141-160, 2008.

TASSINARI, Arianna; MACCARONE, Vando. Riders on the Storm: Workplace Solidarity among Gig Economy Couriers in Italy and the UK. *Journal of Work, Employment and Society*, v. 34, n. 1, 2020, p. 35-54.

TIROSH-SAMUELSON, Hava. In Pursuit of Perfection: The Misguided Transhumanist Vision. *Theology and Science*, v. 16, n. 2, p. 200-222, 2018.

VIRK, Rizwan. *The Simulation Hypothesis: An MIT Computer Scientist Shows Why AI, Quantum Physics, and Eastern Mystics Agree We Are in a Video Game*. Estados Unidos: Bayview Books, 2018.

WARD, Graham; HOELZL, Michaela. *The New Visibility of Religion: Studies in Religion and Cultural Hermeneutics*. Londres: Continuum, 2008.

Recebido em: 10/02/2023

Aprovado em: 10/03/2023

COMENTÁRIOS